

Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Arte > Obra > Fluxos

Local: Museu Nacional de Belas Artes,
Rio de Janeiro,
Museu Imperial, Petrópolis, RJ
Data: 19 a 23 de outubro de 2010

Organização:
Roberto Conduru
Vera Beatriz Siqueira

texto extraído de
**A transferência da
tradição Clássica
entre Europa e
América Latina**

Eugenio Battisti e o L'Antirinascimento: uma nova proposta historiográfica

Fernanda Marinho
Doutoranda/ UNICAMP

Resumo

L'Antirinascimento, de Eugenio Battisti pertence a uma época de intensas manifestações culturais da vanguarda italiana o que nos leva a ponderar uma insurgente postura política inserida nesta obra frente os congelados esquemas teóricos de crítica e história da arte, ressaltando a vontade do autor da renovação dos paradigmas teóricos frente o conservadorismo da historiografia tradicional.

Palavra Chave

Eugenio Battisti; Antirrenascimento; Historiografia

Abstract

Eugenio Battisti's L'Antirinascimento belongs to a time of intense cultural manifestations of the Italian avant-garde which leads us to consider an insurgent political stance inserted in this work forward the frozen theoretical schemes of criticism and art history, highlighting the desire of the author of the renewal theoretical paradigm forward the conservatism of traditional historiography.

Key-words

Eugenio Battisti; Anti-renaissance; Historiography

Eugenio Battisti (1924 – 1989) foi um profícuo historiador da arte italiano que transitou em outras áreas do conhecimento como, por exemplo, arqueologia industrial e indústria do trabalho. Lecionou história da arte na Universidade de Gênova, na Pennsylvania State University, na Universidade da Carolina do Norte; arquitetura nas universidades de Milão, Florença, Reggio Calábria e Roma. Fundou sociedades como o *Istituto per la Storia dell'Arte Lombarda*, a *Società Italiana per Archeologia Industriale* e a revista *Marcatrè*.

A primeira publicação de *L'Antirinascimento* data de 1962 pela editora Feltrinelli, mas sua pesquisa é iniciada no final da década de 50 em determinados artigos que posteriormente foram desenvolvidos nos capítulos do livro. Este teve ainda duas outras edições: a segunda de 1989 pela editora Garzanti na qual foi incluído um segundo volume dedicado aos acréscimos e atualizações do autor à primeira edição; e a terceira de 2005 pela Nino Aragno Editore que manteve o conteúdo deste segundo volume. O livro é dividido em doze capítulos e a sua questão central é anunciada em seu título: as manifestações antirrenascentistas no seio da tradição clássica italiana, especialmente entre os séculos XV e XVI. Trata-se de uma análise desta aparente contradição entre as produções fantásticas, profanas, ditas anticlássicas e o fascínio da Itália renascentista “della prospettiva e dell'ordine, della consapevolezza razionale e dell'acutezza lógica”¹⁶, procurando desta maneira refletir a respeito de uma historiografia menos sistemática e classificatória.

O prefixo “anti” anuncia duas possíveis leituras, uma relativa à produção historiográfica sobre o Renascimento e outra ao recorte espaço-temporal do seu objeto de análise. Em relação à primeira dialoga com o termo *counter renaissance* utilizado por Hiram Haydn ao tratar de Shakespeare e sugere uma aproximação com o problemático conceito de *maneirismo*. O *anti*, desta maneira, consistiria na ironia do discurso de Battisti ao anunciar um conceito contrário àquele para o qual a historiografia direciona o seu norte magnético. A definição mais abrangente do Renascimento está relacionada ao significado do próprio termo que o denomina: o resgate do mundo antigo no planejamento cultural do período moderno. Tal interesse pela Antiguidade pressupõe uma postura otimista anunciada desde o deslumbramento de Petrarca pelas ruínas romanas e na admiração de Boccaccio pelas obras de Giotto, que marcariam o resgate do homem das trevas medievais à luz promissora do conhecimento. Desta maneira, o que poderemos esperar por *antirrenascimento*? Nos capítulos introdutórios ao livro – *Alcune riflessioni dieci anni dopo* – Battisti comenta a escolha do termo e o seu ineditismo em relação a outros que pretendem exprimir ideias correlatas à sua, como *tardo-renascimento*, *anticlassicismo*, *maneirismo*, que possuem uma maior tradição e significado mais amplo, de origem mais antiga e coeva. Para ele *tardo-renascimento* limita-se a uma definição temporal; *anticlassicismo*, usado por Friedländer em um artigo de 1925, se aproxima mais do seu ponto de interesse, mas parece negar a presença do clássico na revolução artística do século XV, o que pode ser uma afirmação perigosa, uma vez que mesmo no período barroco é impossível negarmos o classicismo a ele inerente; *maneirismo*, por sua vez, também se aproxima de seu ponto de interesse, mas é muito utilizado como um termo correlato ao *tardo-renascimento*, definido apenas como um marco temporal; *contrarrenas-*

cimento, aplicado por Haydn em relação a Shakespeare como dito anteriormente, sugere um significado de resistência, de um movimento oposto a uma corrente cultural preponderante. Desta forma, justifica que *antirrenascimento* mostra-se como o termo mais adequado para a definição de seus estudos por haver uma extensão ideológica maior, por criar um espaço que abrange diversidade de estilos e pesquisa que eram quase autônomas, como a magia e a bruxaria, a classificação da biologia e da zoologia, o experimento social de novas comunidades e formas de governo, e a invenção de uma verdadeira e própria arte conceitual.

Ao propor este novo conceito Battisti introduz novos questionamentos no âmbito das pesquisas relativas ao Renascimento, uma nova leitura sobre um período extensamente estudado. O prefixo *anti*, além de sugerir uma inversão dos valores, estando desta maneira mais próximo a uma determinada ironia frente à historiografia tradicional, acaba por sua vez ampliando o universo cultural renascentista. Podemos dilatar a sua tropologia ao tratarmos propriamente do conteúdo de sua pesquisa, ou seja, do Antirrenascimento. Este propõe um olhar antitético diante do já conhecido, a proposta acaba sendo tornar exótico o familiar, tratar de manifestações culturais não legitimadas pela historiografia ou analisar por outro ângulo as já conhecidas.

Nos primeiros parágrafos do livro, com a intenção de mapear o conceito de *antirrenascimento*, Battisti descreve a cidade de Florença sob os seus aspectos culturais, seus planejamentos arquitetônicos, uma cidade protegida pela monumental sombra da cúpula do Duomo projetada por Brunelleschi que se estrutura no início do quatrocentos a partir de uma moralidade civil muito marcante. No entanto, ressalta o início de uma decadência, datada já a partir da metade deste mesmo século, da sua estrutura clássica que quando transferida à corte papal em Roma transforma-se em símbolo de uma ditadura política e religiosa. O triunfo do classicismo pleno tão característico do Renascimento teria, portanto, durado muito pouco em relação ao arco de aproximadamente três séculos do que hoje se denomina período renascentista. Por este motivo Battisti acredita ser complicado determinar o *maneirismo* ou o *anticlassicismo* como definições cronológicas, uma vez que as suas raízes já estavam presentes desde o século XIV. Tais conceitos são antes de tudo componentes estilísticos intrínsecos a este período cultural que conviveram constantemente com o clássico. Segundo o autor, Florença permaneceu por todo o Renascimento uma criação espontânea, “dalla punta di freccia preistorica alla macchina sperimentale”²⁶, sendo a arquitetura deste contraste sempre a testemunha fiel.

Desde 1956 percebe-se na Itália um movimento de resistência cultural que viria culminar em importantes resultados artísticos. Com a revista *Il Verri*, publicada neste ano, o teórico e crítico Luciano Ancheschi abriu caminho para a antologia *I Novissimi, poesie per gli anni 60*, com direção de Alfredo Giuliani. Nos cinco primeiros anos da década de 60 a cultura italiana viveu um período muito singular, como descreve Vilma de Katinszky:

“uma situação com caracteres antinômicos, de um lado a força da estabilidade e da convenção literária que atrai os escritores não vanguardistas, de outro, o grupo 63 com seus 34 escritores, cuja união conquista por si a função de signo opositor”¹.

Battisti fez parte deste grupo juntamente com outros nomes importantes como Edoardo Sanguineti, Nanni Balestrini, Alfredo Giuliani, Umberto Eco, etc. No momento desta efervescência cultural participou da fundação do *Museo Sperimentale d’Arte Contemporânea* que consistiu inicialmente em uma exposição de arte contemporânea em Gênova, que contava com a doação das obras dos artistas que expunham e tinha a sua sede no Piccolo Teatro, passando depois ao Teatro del Falcone no Palazzo Reale de Gênova. Posteriormente sua coleção foi transferida à Galeria Cívica d’Arte Moderna de Turim. Em uma carta a Aldo Passoni, Battisti relata suas ideias relativas à criação e funcionamento dos museus:

“Credo che sia soprattutto indispensabile di rompere il concetto di museo come raccolte d’opere d’arti, cioè come cose da vedere. Penso che dovrete includere riproduzione di poesie contemporane, concerti registrate di musiche contemporane, oggetto di disegno industriale. Esso deve funzionare come un modo di conoscenza. Dovrebbe essere una specie de catalogo vivente, ad esempio: presso in opera sposta dovrebbe esserci una lunga didascalia esplicativa e semplicissime dichiarazioni dei artisti. Altra cosa che vorrei consigliarvi é di fare un breve film su come un artista oggi esegue una scultura, pittura, disegno de modo da fare entrare la gente dentro la creazione delle arte e non solo assistere da di fuori”².

Percebemos aqui que os conceitos de experimentação e novidade eram os motores criativos desta cultura. Pretendia-se um afastamento dos valores convencionais, criar uma oposição às tradições sem, no entanto, renegá-las. É, portanto, no fluxo destas atividades que se contextualiza o *L’Antirrinascimento*, o que pode enriquecer esta pesquisa se refletirmos a respeito desta relação entre a efervescência cultural da época e o interesse pela temática antirrenascentista pouco conhecida e não suficientemente explorada. Não parece, portanto, hipótese descabida discernir nessa obra uma postura política face aos congelados esquemas teóricos aplicados às produções de crítica e história da arte e ao conservadorismo da historiografia tradicional.

1 KATINSZKY, Vilma. Uma Itália superlativa: os “novissimi” na Idade Moderna. In: Fragmentos, número 21, p. 217/231 Florianópolis/ jul - dez/ 2001

2 Texto retirado do filme *Museo Sperimentale d’Arte Moderna di Torino/ Torino Sperimentale 1959-1969 – Una storia della cronaca: il sistema delle arti come avanguardia* (curadoria e edição: Giordina Bertolino e Francesca Pola) – vídeo realizado na ocasião da mostra Sala Bolaffi, Torino 19 de fevereiro a 9 de maio de 2010 – Texto de Eugenio Battisti retirado de: lettera ad Aldo Passoni, 12 maggio 1967. www.youtube.com/watch?v=uwmGULFDNI0/ “Creio que seja, sobretudo, necessário romper com a ideia de museu como agrupamento de obras de arte, ou seja, como o lugar de coisas para serem vistas. Penso que deveriam ser incluídas, por exemplo, poesias contemporâneas, concertos registrados de música contemporânea, objetos de design industrial. Isso deve funcionar como forma de conhecimento. Deveria existir uma espécie de catálogo vivo, por exemplo, junto a cada obra deveria ter uma longa legenda explicativa e uma curta explicação do artista. Outra coisa que lhes aconselho é de fazer um breve filme de como os artistas hoje executam uma pintura, uma escultura ou um desenho, de modo que nos faça adentrar na própria criação da arte e não só assistir de fora”. (Tradução livre)

Este cenário cultural italiano justifica a elaboração de um novo olhar às tradições, às raízes históricas. Não caberia pensarmos em um movimento de vanguarda que repetisse as estruturas de análise relativas ao passado. Os estudos históricos estão sempre imbuídos pelas preocupações presentes. Em relação às pesquisas sobre o Renascimento poderíamos comparar o *L'Antirinascimento* de Battisti com *A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*, de Mikhail Bakhtin. Este segundo, publicado pela primeira vez na Rússia em 1965. Rabelais é tido recorrentemente como um autor satírico, e é contra esta concepção que Bakhtin formula a sua tese defendendo a interpretação dele segundo o “realismo grotesco”, como um ponto de encontro entre a cultura popular e a erudita, de caráter essencialmente contrastante. Este interesse pela comédia, pelo riso rabelaisiano como chave de leitura para a compreensão da cultura da Idade Média e do Renascimento é o aspecto no qual o seu estudo converge com o de Battisti: manifestações culturais de maior efemeridade, de criação mais espontânea e menos regrada e, portanto, de difícil catalogação e compreensão. Este é um dos exemplos que pode ilustrar o despertar do interesse pela cultura não oficial, da escrita da história a partir de perspectivas menos exploradas. Este é um dos exemplos que pode ilustrar o despertar do interesse pela cultura não oficial, da escrita da história a partir de perspectivas menos exploradas. As pesquisas de Battisti apresentam, grosso modo, uma preocupação com a renovação da história em prol de uma revelação constante e insuperada do conhecimento. No primeiro volume da *Marcatré*, Battisti escreveu:

“Il ‘Marcatré’ nasce con un programma assai modesto ed elastico, d’informazione. Anni fa si parlava della coincidenza di critica e di storia, cioè della necessità di storicizzare un giudizio primo di pronunziarlo; oggi il problema pare poporsi in termini quantitativi: come necessità di sospendere ogni affermazione e giudizio prima di aver raggiunto un grado di conoscenze estensive e comparato attorno ai fatti che si vogliono esaminare. Ciò vale sia per il passato, che per la cronaca contemporanea. Quello che unisce i redattori ed i collaboratori del ‘Marcatré’, è appunto la consapevolezza di questo bisogno, e l’abitudine diretta alla ricerca filologica e storica. A nessuno di essi, anche se militano nell’avanguardia letteraria, o musicale, o architettonica, manca infatti la conoscenza specializzata d’un grande ‘momento’ antico; anzi con lo stesso team si potrebbe, volendo, realizzare una storia globale della cultura europea del tardo antico ad oggi”³

3 ECO, Umberto. “Um ricordo di Eugenio Battisti”. In: *Atti Del Congresso Internazionale in onore di Eugenio Battisti. Metodologia della Ricerca: Orientamenti Attuali*. Rivista Arte Lombarda, 1993/2-3-4; pg. 169. / “A ‘Marcatré’ nasce com um programa muito modesto e elástico de informação. Há uns anos se falava da coincidência de crítica e história, isto é, da necessidade de historicizar um juízo antes de pronunciá-lo; hoje o problema se apresenta em termos quantitativos: como necessidade de suspender todas as afirmações e juízos antes de ter atingido um grau de conhecimento extensivo e comparado aos fatos que se pretende examinar. Isto vale seja para o passado, seja para a notícia contemporânea. Aquilo que une os redatores e os colaboradores da ‘Marcatré’ é precisamente a consciência desta necessidade, hábito constante na pesquisa filológica e histórica. A nenhum desses, mesmo se militam na vanguarda literária, musical ou arquitetônica falta o conhecimento especializado de um grande ‘momento’ antigo; e com o mesmo time se poderia realizar uma história global da cultura europeia do tardo antigo a hoje”. (Tradução livre)

Umberto Eco em *Un ricordo di Eugenio Battisti*, publicado nas atas do Congresso Internazionale de 1993 ressalta a atenção de Battisti pelo aspecto maravilhoso e simbólico da criação artística, o definindo como um “explorador das margens”. Uma atitude de inspiração motivada por uma curiosidade pelo obscuro, por um renascimento secreto, pelo Antirrenascimento, que na época, segundo Eco, ainda apresentava-se como uma abordagem pioneira e que principalmente na Itália teve um sabor de provocação. Como narrado por Giuseppa Saccaro Battisti, sua mulher: “La ‘nuova frontiera storiografica’ che egli intravedeva, avrebbe richiesto, sosteneva ora, di trasformare L’Antirrinascimento in Antieuropa”^{6F}.